



## **Balaio de cipó e rede de pesca: saberes-fazer territorializados na Comunidade Caiçara da Praia do Sono, Paraty - RJ**

*ine basket and fishing net: territorialized knowledge-doings in Praia do Sono, Paraty - RJ*

GODOY, Dafne <sup>1</sup>; GONÇALVES, Luiz G. D. <sup>2</sup>; MARINHO, Raíssa <sup>3</sup>; PAULA, Isabelle C. S. <sup>4</sup>; SAAVEDRA, Eduardo S. <sup>5</sup>

<sup>1</sup> PUC RIO, dafnegodoy1@gmail.com; <sup>2</sup> IGEO UFRJ, luizpontogabriel@gmail.com; <sup>3</sup> PUC RIO, raissamarinhogeo@gmail.com <sup>4</sup> IPPUR UFRJ, isabelle.avlis142@gmail.com;

<sup>5</sup> FAU UFRJ, eduardo.saavedra@fau.ufrj.br

### **RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA**

#### **Educação em Agroecologia**

**Resumo:** Através do Projeto de Extensão Raízes e Frutos, vinculado ao Departamento de Geografia da UFRJ, trabalhamos desde 2007 em conjunto com as comunidades tradicionais caiçaras da Península da Juatinga, Paraty-RJ. Ao longo desse tempo, um dos fios condutores mais consolidados é a educação diferenciada, que consiste em um projeto político pedagógico centrado na cultura e nos princípios caiçaras. Nesse contexto, a escola Martim de Sá, na Praia do Sono, é uma parceria especialmente importante, onde realizamos atividades continuamente. Em 2022, as oficinas do balaio de cipó e da rede de pesca tiveram como objetivo fortalecer o movimento interno da comunidade na valorização da cultura local entre as novas gerações. Ministradas por caiçaras da Praia do Sono, algumas etapas envolveram a coleta e identificação do cipó nas matas; o preparo, a secagem; e a técnica da cestaria, na qual ocorre a realização propriamente dita do balaio. Na oficina de rede de pesca, os ensinamentos iam desde o "ponto" para tecer a rede até seu manuseio. Por fim, cada criança pôde praticar e criar seus próprios artefatos, compartilhando os saberes-fazer de forma coletiva.

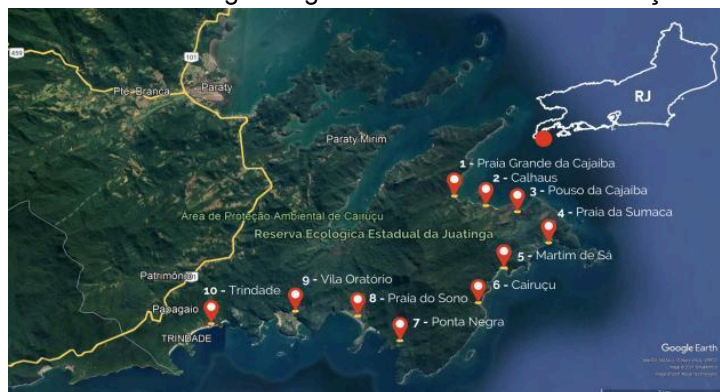
**Palavras-chave:** caiçara; território; balaio; rede; pesca.

#### **Contexto**

A Praia do Sono está localizada na Península da Juatinga, considerada zona rural de Paraty, RJ. É um dos fragmentos mais bem preservados de Mata Atlântica do Brasil e nela estão sobrepostas duas unidades de conservação: a Reserva Ecológica da Juatinga (REJ), gerida pelo INEA; e a Área de Proteção Ambiental Cairuçu (APA Cairuçu). Esse local é habitado tradicionalmente por povos caiçaras, que se distribuem ao longo da costa brasileira e preservam modos de vida ancestrais. O território é historicamente alvo de conflitos fundiários que permanecem com desdobramentos latentes. Nesse cenário de resistência cultural, os saberes-fazer territorializados compõem parte desse patrimônio imaterial, e o que se compreende enquanto agroecologia é, em suma, prática da cosmovisão de vida Caiçara.



Mapa 1 - Península da Juatinga e algumas das comunidades Caiçaras vivenciadas



Fonte: Raízes e Frutos, 2023. Imagem-base Satélite Google Earth

A relação de confluência entre natureza e ser humano dos caiçaras é reafirmada pela preservação de técnicas de manejo consciente e saberes empíricos, transmitidos por gerações através da ação fundamentada na memória coletiva. Atualmente, com a influência do modo de vida hegemônico através dos meios de comunicação e da maior facilidade de deslocamento, vemos um processo de afastamento e desenraizamento, que acomete principalmente os jovens e as crianças. A partir desse diagnóstico, os caiçaras da região organizados no movimento social do fórum de comunidades tradicionais (FCT) e seus parceiros, lutaram e implementaram uma educação diferenciada. Desse modo, o currículo é pautado no protagonismo das populações tradicionais e também na valorização da cultura local, e é nesse contexto que as oficinas se dão.

Entre os saberes transmitidos pelos caiçaras nessa ocasião estão os processos produtivos e construtivos vernaculares, que se utilizam de recursos locais apresentados pela terra, seja coletando nas florestas, colhendo nas plantações ou pescando nos mares. Diante disso, o Projeto de Extensão Raízes e Frutos, vinculado ao Instituto de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, constrói alianças com as comunidades Caiçaras da Península da Juatinga há 16 anos trabalha buscando valorizar a cultura caiçara e salvaguardar seu patrimônio imaterial, ao mesmo tempo em que consolida a cooperação política de resistência e resgate das práticas, memórias e modo de vida tradicional. Enxergando o território não apenas como uma fonte produtiva, mas como um local repleto de inúmeras e complexas relações imateriais.

Partindo do contato com os parceiros comunitários e das experiências adquiridas pelos extensionistas no território, a realização de atividades propostas pelo grupo de membros do projeto em conjunto com os parceiros e mestres do território, reconhecendo e exercendo que a principal potência dessa relação reside nas trocas. Essas atividades são expressas em diferentes frentes de atuação, como o



registro das práticas tradicionais, o fomento à agroecologia e o fortalecimento da luta das comunidades pela educação diferenciada. Além disso, oferecemos apoio técnico e institucional através de uma universidade pública.

### **Descrição da Experiência**

Através do projeto de Extensão Raízes e Frutos, vinculado ao Departamento de Geografia da UFRJ, trabalhamos em conjunto com as Comunidades Tradicionais Caiçaras da Península da Juatinga, Paraty - RJ. Em 2022, em parceria com a escola Martim de Sá, através da professora de linguagens e artes Iaci Sagnori e com a AMOSO - Associação de Moradores Originários da Praia do Sono/Paraty - RJ, realizamos oficinas de balaio de cipó e de rede de pesca na praia do Sono. As oficinas foram ministradas por mestres caiçaras e moradores da Praia do Sono; e fez parte do projeto pedagógico da escola Martim de Sá, localizada na Praia do Sono, a partir da articulação da professora Iaci e também da parceria com o projeto Água Viva, que ocorre na Associação de Moradores da comunidade.

A atividades da rede e do balaio se iniciaram a partir de um conversa introdutória sobre as práticas tradicionais caiçaras, foram entregues aos alunos o livro Memórias e Práticas produzido pelo projeto o qual explica dentre as práticas caiçaras, a técnica do balaio e da rede. A partir deste material conversamos com os alunos sobre pesca, questionando se alguém pescava, ou tinha alguém na família que exercia a atividade, qual técnica ele usava entre outras perguntas. Nesse momento passamos o filme Arrasto de Praia, que registra uma técnica de pesca realizada por um mestre da Praia Grande da Cajaíba, o Seu Altamiro.

Ao final do filme ressaltamos algumas partes interessantes e voltamos a questionar a vivência dos alunos. Alguns deles, principalmente meninos e do segundo segmento, relataram que saem para pescar com a família. Em determinada parte do filme, o Seu Altamiro exclama, depois de já ter puxado toda a rede e os muitos peixes estarem pulando na areia: “Pega os grandes e solta os miúdos”. Essa frase, bastante significativa, foi lembrada em sala e foi ressaltada por um dos alunos como importante atitude para que se tenha um equilíbrio da pesca e para que não falte no futuro, visto que os “miúdos” ainda não tiveram tempo de se reproduzir. Esse raciocínio faz parte dos saberes-fazeres territorializados pelos caiçaras, existe uma ética e uma consciência passada oralmente de geração para geração sobre a dinâmica da natureza e por conseguinte a harmonia entre sociedade-natureza.

É preciso entender, no entanto, que a expansão das relações capitalistas chegam nesses territórios e alteram esses saberes-fazeres territorializados à medida que transformam as suas necessidades e estratégias de (re)existência. A educação diferenciada, como mencionado anteriormente, possui esse papel essencial. Como relata Souza (2018)



A educação caiçara, então, tem o trabalho como princípio educativo. Os caiçaras ao exercerem seus trabalhos, suas práticas tradicionais diárias, na relação com a natureza e em comunidade, se educam e, assim, se formam enquanto caiçaras, constroem suas relações com a natureza e com o território. A partir do momento em que o modo de vida urbano-industrial, as relações econômicas mercantis e o cumprimento de obrigações perante o poder público começam a influir nos modos de vida dessas populações criam-se novas necessidades e muda-se o entendimento e o significado de educação. O oferecimento da educação escolar nas próprias comunidades caiçaras começa a ser reivindicado pelos povos tradicionais (SOUZA, 2018).

As atividades realizadas visam fortalecer o movimento de educação diferenciada e fortalecimento da cultura caiçara. Os passos que se seguiram após esse debate em sala de aula foram realizados no dia seguinte. Encontramos às 10h com a professora Iaci, estudantes, Lidiane, Fafinha e Ruth para ida em trilha até a mata, encabeçada por dois caiçaras, para retirada de Cipó a ser utilizado na oficina de produção de balaios. O percurso foi feito inicialmente pela trilha principal que liga a Praia do Sono à Vila Oratório, em direção da Vila, em determinado momento, passado 30 minutos adentramos a uma trilha extremamente fechada e pouco delimitada. Descemos um barranco em direção ao local de retirada de cipó, passamos pela foz de um pequeno rio que se conectava com o mar através de uma pequena cachoeira. Durante todo o caminho, foi percebido o tamanho conhecimento da mata pelos caiçaras que guiavam a turma.

Ao chegarmos no local de retirada, próximo a um riacho, os caiçaras que lideravam a coleta do cipó, explicaram como se escolhia o cipó a ser retirado e também, como se retirava ele. Algumas das orientações deles foram: é preciso escolher o cipó mais velho e não os mais novos pois senão ele não cresce mais e, futuramente, pode ocorrer uma perda na quantidade disponível de cipós e; era preciso torcer o cipó em si mesmo antes de puxá-lo, torcer bastante pois isso ajudaria o cipó a se romper mais no alto, resultando na coleta de um cipó mais comprido. Essa oficina foi finalizada durante a semana seguinte, quando um mestre caiçara de balaio de cipó foi à escola para executar a oficina com os alunos, o projeto não esteve presente devido impossibilidade de um trabalho de campo tão duradouro. Ao voltar para a comunidade do Sono, todos pararam para almoçar e ficou combinado o encontro da tarde para a oficina de rede. Os alunos haviam tido a aula com o mestre caiçara de rede de pesca e eles estavam agora replicando com outros alunos que faltaram - e a nós do projeto, que apenas assistimos o final da segunda oficina de rede realizada na escola Martim de Sá. Além disso, eles também estavam preparando a decoração do festival de Inverno da comunidade, criando e pintando peças de papel machê sobre argila de diversos animais do mar. Essas dinâmicas foram elaboradas metodologicamente para dar autonomia e protagonismo aos alunos.



Foto 1: Atividade em sala sobre Práticas e Memórias Caiçaras, filme Arrasto de Praia.  
Foto 2: Atividade em sala sobre Práticas e Memórias Caiçaras, livro Raízes e Frutos.  
Foto 3: Oficina “Retirada do cipó” na floresta para fazer cestaria com a técnica do Balaio.  
Foto 4: Oficina de rede de Pesca na Associação de Moradores do Sono.



Fonte: Raízes e Frutos, 2022

## Resultados

É notável que os resultados podem se transfigurar a partir de diferentes entendimentos e desdobramentos das vivências descritas. Nesse sentido, a imersão nas dinâmicas tradicionais ganha outra dimensão, a partir da interação com a escola e as crianças caiçaras, herdeiras dos saberes e práticas ancestrais de seus territórios. Um dos mais marcantes é a formação de laços de confiança a partir da importância dada aos modos de vida locais, que junto ao acompanhamento da trajetória do projeto e das próprias turmas, ampliam os rumos da própria (r)existência cultural caiçara.

O objetivo final das oficinas se concentrou na produção de artesanatos que constituem a prática e cultura caiçara, como o balaio com o cipó, rede de pesca e também artigos de decoração com papel machê para a ornamentação do circuito de forró, uma festividade que mobiliza esforços dentro e fora da Praia do Sono, conectando diferentes comunidades, realidades e propósitos. Diante disso, o processo dessa feitura, vinculado às propostas de atividades ao mesmo tempo lúdicas e significativas, contribui para que diferentes agentes locais se aproximem em prol da transmissão desses saberes-fazeres territorializados. Ou seja, parte-se



do entendimento da ancestralidade enquanto a prática de perpetuação da cultura tradicional através das gerações.

Para além da articulação via educação diferenciada enquanto estratégia política de resistência cultural, a vivência em si reverbera mudanças profundas nos participantes. A inserção nos processos pedagógicos através da prática cultural, das trajetórias, contribuições e trocas mútuas demonstram que campos compreendidos pela ciência enquanto conhecimentos agroecológicos, são o próprio exercício da cultura viva e dinâmica com a terra. Por isso, esse contato transformador, para além de resultados materiais, revigora as perspectivas e horizontes políticos e ecológicos de transformação social. Por fim, mobiliza e consolida redes em prol da emancipação dos povos Caiçaras, especialmente na compreensão, pertencimento e empoderamento das crianças enquanto herdeiras dos territórios e saberes caiçaras.

### **Agradecimentos**

O Projeto de Extensão “Raízes e Frutos: uma vivência nas Comunidades Caiçaras da Península da Juatinga, Paraty - RJ” agradece primeiramente às famílias Caiçaras da Praia do Sono pela recepção, confiança e ensinamentos. Agradecemos a todos os membros, orientadores, lideranças, mestres e parceiros, em especial à professora Iaci, ao Jadson, à Josi, à Leila e às crianças da escola Martim de Sá. Por fim, agradecemos ao Instituto de Geografia e à Universidade Federal do Rio de Janeiro.

### **Referências bibliográficas**

MARINHO, R.S. **A produção capitalista do espaço, os conflitos dela resultantes e as resistências a ela manifestadas: refletindo sobre as experiências vividas pelos habitantes da Praia do Sono.** Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 258p. 2023.

**Seu Altamiro - Arrasto de praia.** Produção: Projeto de Extensão Raízes e Frutos - UFRJ. Rio de Janeiro, RJ: Projeto de Extensão Raízes e Frutos - UFRJ, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QKByHRbvCXA&t=8s>. Acesso em: 10 jul. 2023.

SOUSA SANTOS, B. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes.** Novos estudos. CEBRAP (79). Nov 2007.

SOUZA, V. M.; LOUREIRO, C. F. B. L. Povos tradicionais caiçaras, educação escolar e justiça ambiental na Península da Juatinga, Paraty, RJ. **Revista de Educação Ambiental.** Vol. 23, n. 1, p: 54-78. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (Rio de Janeiro). **Raízes e**



**Frutos. Livros Publicados:** Publicações virtuais dos livros do Projeto de Extensão. Rio de Janeiro: Raízes e Frutos, 2017. Disponível em: <https://issuu.com/manuelagiacomo>. Acesso em: 5 jul. 2023.